

Povos Indígenas no Brasil

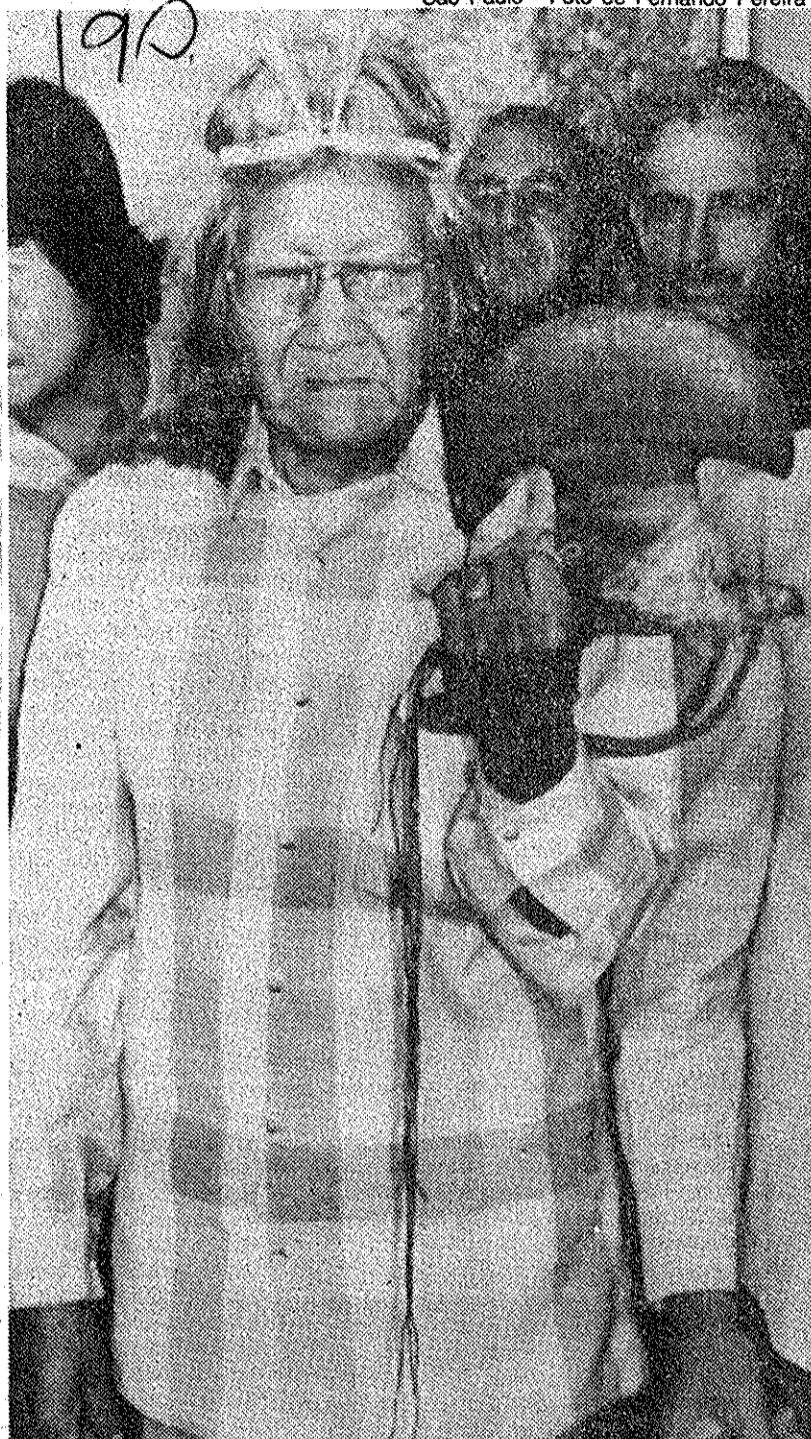
Fonte: *Journal do Brasil*

Class.: 79

Data: 12.06.86

Pg.: _____

São Paulo - Foto de Fernando Pereira



O cacique Penon recuperou o "kyiré" após 40 anos

USP devolve a cacique machadinha cerimonial

São Paulo — Numa cerimônia simples, mas cheia de emoção e significado mítico, o cacique da tribo Craô, Pedro Penon, recebeu de volta, ontem, do reitor da Universidade de São Paulo, José Goldemberg, a machadinha cerimonial Kyiré, trazida da selva há 40 anos pelo antropólogo Harald Schultz e que ficou durante esse tempo no acervo do Museu Paulista (Museu do Ipiranga), pertencente à USP. Os índios diziam que essa machadinha foi retirada de sua aldeia.

Ontem mesmo, com ajuda financeira da Funai, Penon, o cacique Aleixo Pohi e outros sete indígenas retornaram à aldeia de Pedra Branca, no Norte de Goiás. Os integrantes das outras sete aldeias craôs farão lá uma grande festa para recepcionar a comitiva e o retorno de seu centenário objeto sagrado.

Comodato

Goldemberg, Penon e o presidente da Funai, Romero Jucá Filho, assinaram dois documentos relativos à devolução da machadinha. No primeiro, os índios comprometem-se a doar à Universidade uma réplica da machadinha. Na oportunidade, o cacique entregou ao reitor da USP um bastão cerimonial de iniciação que lhe havia sido ofertado pela Associação Brasileira de Antropologia e que, segundo a presidente dessa entidade, professora Manuela Cunha, será o suficiente para atender ao compromisso assinado.

Peça única

O outro documento é um termo de comodato, uma vez que a USP se considera ainda proprietária da Kyiré, que estaria apenas emprestando aos craôs, embora o próprio documento afirme que o comodato não tem prazo convencional de duração. Pelo documento, a Funai e o cacique Penon comprometem-se a destinar a machadinha, "como objeto ritual, à utilização dos índios craôs, no

Norte do estado de Goiás, de onde o aludido bem móvel é procedente".

Sério e mantendo postura solene, o cacique Penon, de óculos e uma fita feita de folha de buriti na testa, aguardou com tranquilidade os discursos do reitor José Goldemberg, do presidente da Funai e do diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP, João Batista Pereira, para então dizer que, ao contrário da facilidade com que a machadinha foi retirada de sua aldeia, ele sofreu muito agora para reavê-la. "Fiquei quase dois meses em São Paulo. Sofri pelas condições que me deram, mas pela saúde da família. Deixei a aldeia e não sei o que acontece lá, e quando não estou, eles ficam atrapalhados. O doutor reitor me prometeu a machadinha, mas teve muitos problemas. Vocês não sabem como esse KYIRÉ é importante para nós. Sou o mais velho e vejo os índios novos perderem o ritual, os costumes antigos porque os objetos sagrados estão desaparecendo."

As palavras mais sensíveis, porém, foram do cacique Pohi: "Até hoje eu estava preso numa cadeia. Com a volta do KYIRÉ, fui libertado, estou feliz e espero que vocês todos estejam felizes. Não tenho dinheiro, mas sou rico de vida. Deus deixou um só KYIRÉ e é por isso que vim buscar ele. Nós não temos fábrica de KYIRÉ, ele é um só, feito pela Natureza. O ritual nativo, que é sagrado, está livre outra vez". Mas demonstrou uma preocupação. A de que os brancos matem os índios para ficarem com a machadinha de novo. Por isso, garante, KYIRÉ será muito bem guardado e vigiado".

Goldemberg lembrou que os caciques foram tratados como chefes de nação, alojados na própria Universidade e avisados de que o assunto seria resolvido na primeira reunião do Conselho Técnico Administrativo da USP.